

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS IDOSOS EM RELAÇÃO AS DST'S

Rissardo, Leidyani Karina¹;
Furlan, Mara Cristina Ribeiro¹;
Aguiar, Joana Ercília²

Cesumar-Centro Universitário De Maringá

1-Acadêmicas De Enfermagem

2-Enfermeira Mestre E Docente Do Curso De Enfermagem Do Cesumar.

1.INTRODUÇÃO

“Ninguém pode estar na flor da idade, mas cada um pode estar na flor da sua própria idade.

(Mario Quintana)”.

Nos últimos anos vem ocorrendo uma revolução na concepção e na prática da sexualidade, refletindo de forma indiscutível na terceira idade. Alguns fatores influenciaram diretamente neste processo. Primeiro: a vida sexual deixou de ter apenas função reprodutora tornando fonte de satisfação e realização pessoal em todas as idades. Segundo: o aumento notável e progressivo de pessoas que chegam a uma idade mais avançada em condições psicológicas e físicas satisfatórias e não dispostas a renunciar a vida sexual. Terceiro: o surgimento da AIDS nos levou a repensar na sexualidade e na necessidade de todos informarem-se e falarem mais abertamente sobre sexo (RIBEIRO, 2005).

Tanto o homem como a mulher continuam a apreciar as relações sexuais durante a velhice. As alterações que ocorrem como a secura da vagina na mulher, e a diminuição no tempo de ereção do homem pode até prejudicar o prazer sexual, mas a boa adaptação sexual irá determinar o prazer. (AZEVEDO, 1998 citado por ALMEIDA e LOURENÇO, 2007).

É igualmente importante considerar que muitos idosos, em sua juventude, não tiveram oportunidade de receber educação sexual sadia. Sua educação pode ter sido repressiva, limitando a expressão natural da sexualidade ou favorecendo um tipo de relação sexual empobrecida pela moral rígida. As mulheres são as principais vítimas desse problema, porque essas pessoas, jovens há mais tempo tiveram uma educação mais rígida, mais repressora e foram criadas para serem esposas dedicadas.

A concepção pioneira de Freud (1905/1969) afirmando o prazer como objetivo da sexualidade humana liberou-a da obrigação de resultado pela reprodução. Esta tese de Freud veio a ser confirmada com a recente emergência do conceito de saúde sexual e com a sua dissociação progressiva do conceito de reprodução, o que coloca em evidência a autonomia da vida sexual e sua importância para a realização e o bem-estar dos indivíduos durante toda a vida, inclusive durante a velhice. (VASCONCELOS & cols, 2004).

A população idosa é definida como aquela a partir de sessenta anos de idade (BRASIL, 2008), assim, o acelerado ritmo do crescimento da população idosa é observado mundialmente, inclusive no Brasil e em outros países latino-americanos. A expectativa de vida dos brasileiros que em 1900 não alcançava os 35 anos de idade, em 1950 atingiu 43 anos, em 2000, 68 anos, com a expectativa de atingir os 80 anos em 2025. (IBGE, 2002).

Nos próximos 20 anos, a população idosa do Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas e deverá representar quase 13% da população ao final deste período. Em 2000, segundo o IBGE, a população de 60 anos ou mais de idade era de 14.536.029 de pessoas, contra 10.722.705 em 1991.

O envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico de modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam algumas perdas de capacidade e adaptação. Nesta fase, identifica-se concomitantemente a diminuição da potência sexual como também de outras funções. No entanto, a sexualidade

continua sendo uma necessidade básica da velhice, que visa a busca do prazer, afeto, intimidade, articulando-se a fatores hormonais, emocionais e sócio-culturais. Estando o sexo ligado à saúde e sendo o enfermeiro um profissional de referência, este é de primordial importância no acompanhamento terapêutico e aconselhamento sexual do idoso (ALMEIDA et al, 2007).

O processo de envelhecimento e sua consequência natural, a velhice é uma das preocupações da humanidade desde o início da civilização. Porém, o século XX marcou definitivamente a importância do estudo da velhice, fruto da natural tendência de aumento do número de idosos em todo o mundo – conhecida como a transição demográfica. (OLIVEIRA, 2007).

Os números mostram que, atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais e, para 2050, estima-se que a relação será de uma para cinco em todo o mundo, e de uma para três nos países desenvolvidos. E ainda, segundo as projeções, o número de pessoas com 100 anos de idade ou mais aumentará 15 vezes, passando de 145.000 pessoas em 1999 para 2,2 milhões em 2050. Os centenários, no Brasil, somavam 13.865 em 1991, e já em 2000 chegam a 4.576 pessoas, ou seja, um aumento de 77%. (OLIVEIRA, 2007).

O crescimento populacional das pessoas com mais de 60 anos se deve em grande parte ao aumento considerável na expectativa de vida dos brasileiros. Este associado a que da taxa de natalidade, amplia a proporção relativa de idosos na população. O censo realizado pelo IBGE em 2000 revela um crescimento de 2,6% na esperança de vida ao nascer da população brasileira. (PAVARINI, 2005 citado por ALMEIDA e LOURENÇO, 2007).

Diante dessa situação, tem-se para o enfermeiro como critério compreender as alterações fisiológicas no idoso como processo normal do envelhecimento, como essas alterações interferem na sexualidade e a relação terapêutica enfermeiro x cliente. Assim sendo, o número de idosos com vida sexualmente ativa também está aumentando,

conseqüentemente, aumento o numero de casos de DST's e AIDS na terceira idade (RIBEIRO, 2005).

Segundo estimativas, a contaminação por HIV na população americana, acima de 60 anos, quintuplicou na última década. No Brasil o quadro é parecido. Segundo dados do Ministério da Saúde, em 1991, do total de casos confirmados de Aids, 6% eram verificados em pessoas acima de 60 anos. Dez anos depois, o índice havia subido para 11%. (ANVISA, 2005).

O fato de haver uma diminuição na freqüência das atividades sexuais não significa o fim da expressão do desejo sexual. Portanto, a melhor maneira é usar sempre a camisinha em todas as relações sexuais.

2. OBJETIVO

Avaliar o nível de conhecimento dos idosos diante das doenças sexualmente transmissíveis.

3. METODOLOGIA

Participaram da pesquisa vinte idosos, sendo de ambos os sexos, em uma faixa etária de 60 a 88 anos. Foi elaborado um questionário que conteve questões sobre grau de escolaridade, idade, sexo, estado civil, vida sexualmente ativa, número de parceiros, método utilizado para a prevenção de DSTs, e obteve informações do profissional de saúde para a prevenção das DSTs. Os sujeitos desta pesquisa são freqüentadores da Associação da terceira idade e idosos de Maringá – APETIM.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram da pesquisa vinte idosos, sendo doze (60%) homens e oito (40%) mulheres.

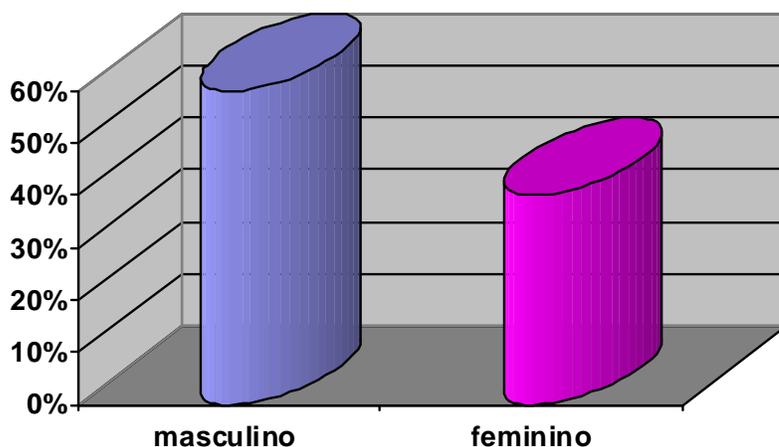


GRÁFICO 1: Distribuição quanto ao Gênero (n=20).

Em relação à escolaridade 60% dos entrevistados não completaram o ensino fundamental, 10% completaram o ensino fundamental, 10% não completaram o ensino médio, 10% completaram o ensino médio e 10% têm curso superior.

Ainda, em relação ao estado civil 6 participantes (30%) eram casados, 2 (10%) solteiros, 6 (30%) divorciados e 6 (30%) eram viúvos. Conseqüentemente, uma das questões é se o idoso tem vida sexualmente ativa.

O resultado foi que 14 idosos (70%) têm vida sexualmente ativa, enquanto 7 deles(30%) não têm vida sexualmente ativa.

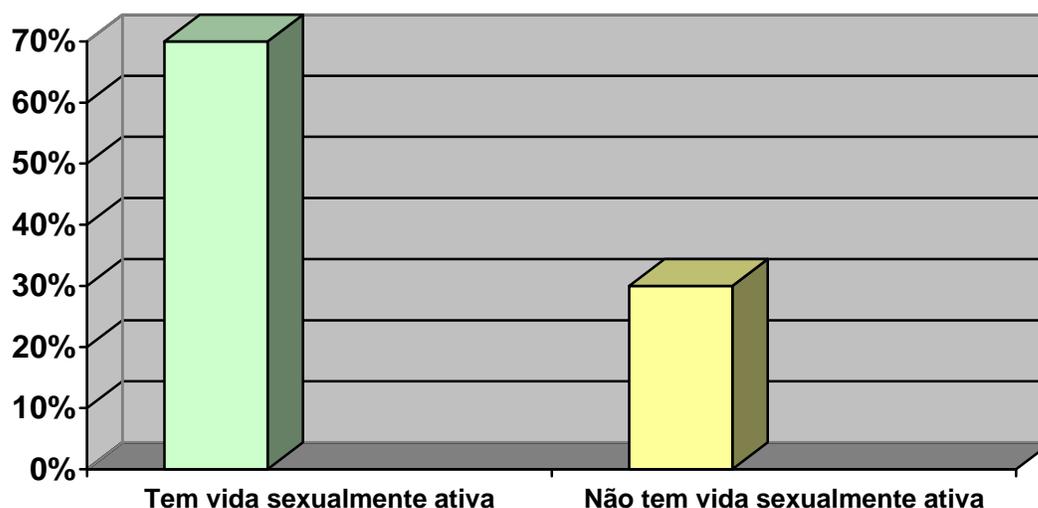


GRÁFICO 2 - Distribuição quanto a atividade sexual

De acordo com KAISER, 2002 até metade do século XX não havia preocupação com envelhecimento e idade porque as pessoas não viviam muito além da fase reprodutiva, atualmente, o interesse sexual dos idosos é mais amplo do que se pensa.

Em relação a parceiro fixo, 12 dos idosos (60%) tem apenas 1 parceiro, enquanto que 8 (40%) têm mais de um parceiro.

Quando perguntamos a eles se conheciam DST`s como a AIDS, Gonorréia, Sífilis, Candidíase, todos disseram saber o que era, também perguntamos como é feita a prevenção dessas doenças e os 20 idosos (100%) responderam que era o uso do preservativo.

Assim sendo, a próxima questão foi se aqueles que têm vida sexualmente ativa fazem uso da camisinha. Para nossa surpresa 11 idosos (78%) não usam preservativo (22%) usam.

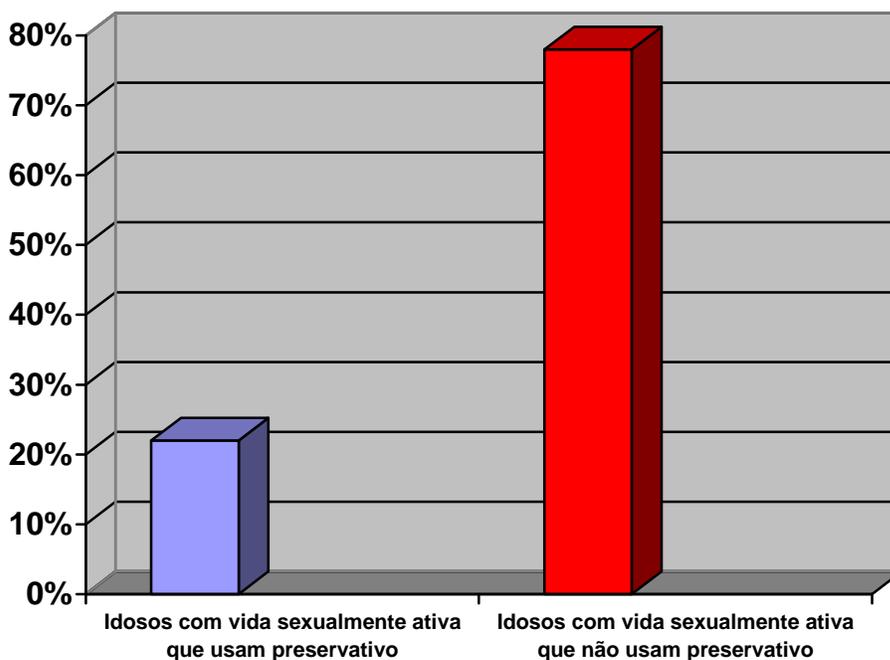


GRÁFICO 3– Adesão ao uso de preservativo em idosos com vida sexualmente ativa

Ao questionar o porquê dos idosos não usarem preservativo, mesmo sabendo que é o meio mais efetivo para a prevenção das DST's, a maioria das respostas foi em relação a saberem com quem se relacionam, confiança no parceiro e que é incomodo. Enquanto os idosos pensam estar imunes a AIDS e as DST's, o número dessas doenças na terceira idade vem aumentando, mostrando o quanto estão equivocados.

Infelizmente a maioria da população não está preparada em lidar com essa evolução, reforçando a idéia de que o idoso que expressa a sexualidade de forma natural é um "desvio". Os filhos geralmente são os primeiros a negar a sexualidade dos pais. Interpretam a necessidade sexual dos pais como algo depreciativo, como sinal de segunda infância ou demência. (ALMEIDA & LOURENÇO, 2007).

De acordo com a Coordenação da AIDS da Secretaria Estadual do Paraná, existem 309 idosos com Aids acima dos 60 anos no Estado. As pessoas que mais

possuem o vírus situam-se na faixa dos 60 aos 69 anos, com 256 casos, sendo 193 masculinos e 63 femininos. Nos idosos com 70 a 79 anos há 49 casos, sendo 36 masculinos e 13 femininos, e acima dos 80 anos o número é de quatro casos, sendo três masculinos e um feminino (PARANÁ, 2005).

Outro fator que chamou a atenção é que ao perguntar se o entrevistado já havia recebido alguma orientação de algum profissional da saúde sobre as DST's e sua prevenção 18 deles (90%) disseram que não, 2 (10%) disseram que sim.

GRÁFICO 4 - Orientação sobre as DST's e prevenção dos profissionais de saúde aos idosos

Portanto, os entrevistados afirmam saber sobre as DST's e AIDS pelos amigos, televisão e não por enfermeiros, médicos e outros talvez este seja a causa do índice de adesão ao preservativo é tão baixo, influenciando o aumento de DST's na terceira idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos profissionais de saúde e da população não processaram a informação de que os idosos têm vida sexualmente ativa e que o número de AIDS vem crescendo na terceira idade.

Na saúde, muitas campanhas são realizadas para a prevenção dessas doenças, mais raramente direcionada para a população idosa, que para agravar a situação se consideram com experiência e preparo suficiente para se protegerem das DST's.

Infelizmente, o que concluímos na pesquisa é que a grande parte dessa população não usa preservativo nas relações sexuais, evidenciando assim, a falha do

trabalho do enfermeiro em saúde coletiva. Pois, a prevenção é o fator mais importante na promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago de; LOURENÇO, Maria Luiza. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, v10, n. 2007.

ANVISA.Ministério da Saúde. Anvisa participa de congresso sobre Aids nos EUA.Estados Unidos, 2005. Obtido via internet, <http://portal.saude.gov.br>.

BRASIL, Ministério da saúde. Indicadores de saúde. Brasília, MS, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa. Caderno da atenção básica - nº 19. Brasília-DF, 2006.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Perfil dos idosos responsáveis pelos Domicílios. Brasília-DF,2002. Disponível: www.ibge.gov.br

KAISER, Fran E. Sexualidade. In.: DUTHIE JR, Edmund H., KATZ, Paul R. Geriatria Prática. Rio de Janeiro: Revinter, 3ª ed., 2002.

OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de; OLIVEIRA, Selma Regina Nunes; IGUMA, Lilian Tamy. O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v.16, n.1, 2007.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Comunicação Social. Governo faz conferência para troca de experiências no Dia do Idoso.Curitiba, 2005.Obtido via internet, <http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br>.

RIBEIRO, Alda. Sexualidade na Terceira Idade. In.: NETTO, Matheus Papaleo & cols. Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Ateneu, 2005.

VASCONCELLOS, Doris et al . A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas - comparação transcultural. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 9, n. 3, 2004 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>.